



ISSN: 1517-7238

Vol. 12 nº 23

2º Sem. 2011

p. 329-350

LEITURA E FORMAÇÃO:

PROFESSORES LEITORES

LITERATURA INFANTIL PARA UMA FORMAÇÃO LEITORA MULTICULTURAL

CHILDREN'S LITERATURE FOR MULTICULTURAL EDUCATION READER

Ruth Ceccon Barreiros ¹

Nancy Rita Ferreira Vieira ²

¹ Docente do Colegiado de Letras da UNIOESTE – Cascavel – PR., doutoranda em Letras pela UFBA – Salvador-BA, participante do grupo de pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura, linha de pesquisa: Literatura, Ensino e Cultura – UNIOESTE – Cascavel – PR. E-mail: ruthcb1@hotmail.com

² Orientadora da Tese. Professora Adjunta I, Departamento de Letras Vernáculas, UFBA - Universidade Federal da Bahia. E-mail: nancyrfv@gmail.com

RESUMO: O presente ensaio visa apresentar algumas reflexões acerca da estrutura composicional de duas obras literárias infantis de temática afro-brasileira e suas implicações na formação leitora do Ensino Fundamental I. As obras selecionadas são: "Os Reizinhos de Congo" (2007) de Edimilson de Almeida Pereira; e "A África, meu pequeno Chaka" (2006), de Marie Sellier, tradução de Rosa Freire D'Aguiar. Parte-se do princípio de que, no processo formativo em leitura e cultura, a organização estrutural da obra de literatura infantil figura como um fator que pode despertar maior ou menor interesse do leitor em construção nas séries iniciais. Esses estudos estão fundamentados nos aspectos sociológicos da leitura, conforme Freire (2006) e Silva (1998), de cultura em Hall (1997), de formação leitora, por meio da literatura infantil, em Zilbermann (2003), Abramovich (1983), Aguiar e Bordini (1993), Cademartori (2009), Coelho (2000), dentre outros. Considera-se, ainda, que a escola é *lôcus* de diversidade etno-racial e a literatura infantil de temática afro-brasileira, quando presente neste contexto e adequadamente trabalhada, poderá oportunizar às crianças uma formação leitora proficiente, conhecimentos acerca da cultura africana, além de promover o respeito às diferenças, desde os primeiros anos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Formação de leitores; Literatura Infantil Afro-brasileira.

ABSTRACT: This essay aims at presenting some reflections on the compositional structure of two children literary works based on African-Brazilian theme and their implications on the elementary school reader's background. The selected works are "The Little Kings of Congo" (2007), written by Edimilson Pereira de Almeida, and "Africa, my little Chaka" (2006) by Marie Sellier, and translated by Rose Freire D'Aguiar. Our basic principle is that, during the formative process in reading and culture, the structural organization of children's literature work comes as a factor that can trigger more or less interest from this reader under construction in the early grades. These studies are based on sociological aspects of reading, as Freire (2006) and Silva (1998), of culture in Hall (1997), of training reader through children's literature in Zilbermann (2003), Abramovich (1983), Aguiar and Bordini (1993), Cademartori (2009), Coelho (2000), among others. It is also bring into account that the school is the *locus* of ethno-racial diversity and the Afro-Brazilian children's literature, when present in this context and properly handled, can create opportunities to train children to be proficient readers; to give knowledge concerning the African culture and promote respect for differences, since the early school years.

KEYWORDS: Reading; Readers' training; Afro-Brazilian children's literature

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem exigido dos indivíduos capacidade para rever muitos conceitos e pré-conceitos, em especial aqueles voltados para o entendimento dos aspectos culturais. Para que isso seja possível, é indispensável uma formação leitora proficiente. Nesta perspectiva, a Educação Básica brasileira – Ensino Fundamental I – tem papel importante nessa formação, uma vez que este é um período bastante propício para ampliar os conhecimentos das crianças, promoverem-lhes o gosto pela leitura, além de capacitá-las para a vida em sociedade com condições de compreenderem seus aspectos multiculturais.

Uma vez leitor eficiente, o indivíduo poderá vencer muitos preconceitos e discriminações na esfera social e escolar, tendo em conta que, muitas vezes, os procedimentos discriminadores resultam da falta de conhecimento sobre o que se apresenta como diferente. Assim, entende-se que no processo de formação em leitura estão relacionadas questões econômicas, políticas, sociais e culturais e essas precisam ser contempladas pelo educador, por ocasião desse ensino e aprendizagem.

Ainda que a criança esteja, na atualidade, às voltas com múltiplos gêneros e linguagens que exigem leitura, a literatura infantil pela sua organização composicional e aspecto lúdico tem sido, nas séries iniciais, um recurso pertinente que auxilia na preparação de leitores críticos com capacidade de refletir sobre as inúmeras questões presentes no dia a dia, dentre elas as questões étnicas. Em contexto educativo, encontra-se a literatura infantil de temática afro-brasileira, ainda pouco explorada nas escolas, a qual se configura em um importante recurso para formar leitores, podendo colaborar com a renovação de valores no que tange ao respeito à diversidade étnica. Essa formação deve visar à inclusão, especialmente dos afrodescendentes, além de levar à revisão de valores em relação à discriminação racial, presentes na maioria dos espaços sociais brasileiros. Isso se justifica, uma vez que o

Brasil tem a maior população negra depois da África.

No intuito de propiciar uma melhor formação leitora aos professores e alunos, o Ministério da Educação e Cultura tem disponibilizado obras literárias que abordam inúmeras temáticas, relacionadas ao gênero, aos indígenas, aos negros etc. São obras que têm servido às bibliotecas escolares, oriundas do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE e dentre elas está a obra literária “A África, meu pequeno Chaka...”, de Marie Sellier, tradução de Rosa Freire D’Aguiar, (2006). Trata-se de uma das obras que compõe o estudo que ora se delineia como já anunciado. O estudo em tela debruçar-se-á também sobre outra obra da literatura infantil, que não consta do acervo do MEC: “Os Reizinhos de Congo”, de Edimilson de Almeida Pereira (2007). Essas reflexões visam compreender a organização estrutural desses textos literários, relacionando-as ao processo de formação leitora no Ensino Fundamental I.

As reflexões pautar-se-ão em uma perspectiva sociológica de leitura em Freire (2006) e Silva (1998). Na concepção sociológica de leitura, entende-se que o indivíduo, para dar sentido ao texto, apoia-se em suas experiências e conhecimentos prévios, acionando informações do seu contexto social, as quais estão sócio-históricas, cultural e ideologicamente situadas.

A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E A FORMAÇÃO LEITORA

A literatura é essencial para a formação leitora. No que se refere à literatura infantil, Azevedo (2001) comenta que somente nos livros de literatura o leitor encontrará os recursos que estimulam a imaginação e cita como exemplo Raquel, personagem de Lígia Bojunga Nunes, que guarda na Bolsa Amarela sua vontade de crescer, de ser menino, de tornar-se escritora. Alice viaja no mundo imaginário no fundo da terra, buscando compreender a lógica das coisas; os personagens infantis enfrentam gigantes, dragões, forças desconhecidas,

contam com ajuda inesperada, com a sorte e o acaso. Passam pelo domínio do encantamento e, por fim, casam-se com príncipes ou princesas, viram reis ou rainhas. Os sonhos permeiam a vida de muitas pessoas e não apenas das crianças; ou seja, faz parte do imaginário de muitos indivíduos o desejo de conhecer melhor a vida, saber enfrentar os desafios, encontrar um parceiro amoroso, alcançar a estabilidade financeira e estes sonhos podem, muitas vezes, ser despertados ou alimentados pela leitura da literatura. Para Antonio Cândido (1989), não há homem que possa viver sem a fabulação proporcionada pela ficção, aspecto fundamental na literatura. Quando se trata da literatura de potencial infantil, isso se mostra ainda mais pertinente dada à natureza imaginativa da infância.

Considerando-se que o ato de ler está ligado ao ato de construir sentido, ler torna-se uma necessidade vital para o ser humano. Na infância, quando se tem os primeiros contatos com atividades de leitura, a literatura, que apresenta fantasia, estimula a imaginação e mostra-se assim mais atraente, uma vez que possibilita 'discutir a lógica das coisas', como propõe Azevedo (2001), sem que o leitor se afaste do encantamento.

Neste viés, as obras literárias infantis podem contribuir para ampliar o conhecimento do próprio eu e aprofundar o conhecimento do mundo em que se está inserido, além de despertar um maior interesse da criança pela leitura. Para Zilberman (2003),

[...] ela [a literatura] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor, ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo, dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Vista desse modo, a leitura da literatura assume uma função crítica e social, dando ao homem direito de opção a um posicionamento próprio diante da realidade. Assim, a leitura age humanizando o indivíduo, estendendo a sua capacidade de pensar e interagir. No que se refere à socialização do indivíduo por meio da leitura, Aguiar e Bordini (1993, p. 10) asseveram: “a ampliação do conhecimento que daí decorre permitem-lhe compreender melhor o presente e o seu papel como sujeito histórico”. Uma educação transformadora passa pela prática da leitura e conforme Frantz (2001, p. 36), “torna-se uma experiência significativa e gratificante para o seu leitor, pois auxilia na formação de seu mundo e na busca de resposta para suas infinitas interrogações a respeito de si mesmo, do outro e da realidade que o cerca”. Nesta perspectiva, a leitura da literatura infantil e a formação leitora deveriam ocupar um espaço mais significativo no contexto escolar, sendo discutidas e compartilhadas por professores e alunos.

Uma vez motivado para a leitura do gênero literário, o leitor poderá ampliar seu conhecimento sobre toda e qualquer cultura, e isso, poderá colaborar para a desconstrução de muitos dos preconceitos presentes no cotidiano. Formar leitores por meio dessa modalidade de arte, cuja temática esteja voltada para a afro-brasilidade, pode propiciar uma renovação de valores no que se refere ao respeito à diversidade em uma sociedade pluriétnica.

Muitos estudos que tomam por foco a literatura infantil de temática afro-brasileira, atualmente, buscam identificar as representações do negro em materiais didáticos e paradidáticos, revelando aspectos positivos ou negativos. Outros procuram elencar as obras existentes no mercado editorial, dentro da temática, visando à sua divulgação, especialmente, junto aos professores, a fim de propiciar-lhes condições para a realização dos trabalhos de formação leitora e cultural em sala de aula.

Neste trabalho, entretanto, procurou-se entender como o arranjo estrutural da obra literária infantil de temática afro-

brasileira, *lócus* das representações, traduzidas pela linguagem, pode implicar na formação do leitor mirim no ensino fundamental I. Em outras palavras, busca-se compreender, de forma breve, a organização composicional dos textos literários selecionados, tecendo algumas considerações sobre essa estrutura e suas implicações no processo formativo de leitura e cultura no ensino fundamental I.

Parte-se do princípio de que, no processo formativo em leitura e cultura, a estrutura da obra de literatura infantil pode figurar como um fator que despertará maior ou menor interesse do leitor em construção. Assim, este aspecto deve ser percebido e compreendido pelo mediador para ser, posteriormente, explorado com os leitores mirins, por meio de metodologia adequada, com vistas a legar-lhes uma formação leitora efetiva. Para Silva,

[...] Se um texto, quando trabalhado, não proporcionar o salto do leitor para o seu contexto (isto é, para a intencionalidade social que determinou o objetivo, o conteúdo e o modo de construção do texto) e mais, se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa ou busca se situar, então a leitura perde a sua validade (SILVA, 1998, p. 4).

É preciso lembrar que a literatura é essencialmente linguagem, disposta em um arranjo composicional em forma de texto, que permite aos leitores construírem significações sócio-históricas e culturais de uma sociedade. Para Woodward (2005), “a representação é compreendida como processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas”. Neste sentido, a produção literária pode oferecer elementos próprios de uma sociedade ou cultura, considerando que tais elementos são representações, muitas vezes não diretas, esboçadas mediante o ponto de vista do outro.

Autores como Hall (1997), Said (1990), Bhabha (2005) problematizam as noções de diversidade e ressaltam a importância de se analisarem as relações de poder entre iguais

e diferentes (identidade/diferença), com especial atenção à cultura e à linguagem que é capaz de situar o nós/eles, bem como as normas e os regimes de verdade que apregoam o que é normal ou desviante. Para promover tais reflexões, a literatura infantil de temática afro-brasileira configura-se em um recurso profícuo, tanto para os estudos de leitura como da multiculturalidade, no espaço escolar.

A ÁFRICA, MEU PEQUENO CHAKA ...

A obra literária "A África, meu pequeno Chaka...", de Marie Sellier, traduzida por Rosa Freire D'Aguiar, ilustrada por Marion Lesage, foi publicada no Brasil pela Editora Companhia das Letras em 2006. A obra tem como título original *L'Afrique, petit Chaka...*, cuja primeira publicação data do ano de 2000 em Paris-França.

A história traz informações acerca da cultura, misticismo, crenças, atividades cotidianas, festividades ambiente e outros tantos aspectos que compõem a África e, em função disso, mostra-se adequada para ampliação dos conhecimentos dessa cultura que se destaca na miscigenada cultura brasileira.

A linguagem utilizada na composição é simples, contudo, alguns termos e expressões, específicos da cultura africana, exigem estudos mais aprofundados para que o leitor depreenda os sentidos veiculados no texto. Esses termos podem oferecer algumas dificuldades de leitura às crianças do Ensino Fundamental I, e com isso, este leitor em formação necessitará da mediação de um leitor adulto para um eficaz entendimento da obra em questão. Esse mediador, por sua vez, precisará familiarizar-se com os aspectos culturais presentes na obra para poder abordá-los, em classe, de forma que desperte nos leitores em formação o interesse por esta cultura. Entende-se, portanto, que se trata de uma obra literária que necessitará de pesquisa prévia, além de metodologia adequada para sua inserção em sala de aula.

A infinidade de relatos que compõem a história da África é sugerida, nesta obra, já a partir do título, marcado pelas reticências “A África, meu pequeno Chaka...”, essa marca linguística, adotada pela autora, revela que as histórias presentes nesta literatura são apenas algumas das muitas histórias presentes nas Áfricas.

Quanto à estrutura, a obra não apresenta um esquema narrativo tradicional, no qual se possa perceber uma situação inicial de estabilidade, um desenvolvimento, um clímax e um desenlace, como geralmente encontram-se nas narrativas clássicas. A obra está estruturada em uma sequência de cenas, as quais são introduzidas pelas perguntas do pequeno Chaka ao vovô Dembo, que vai contando-lhe como era a sua vida, quando menino, na África. As perguntas feitas ao avô, pelo menino, traçam o fio condutor da história à medida que a cada nova pergunta outras informações sobre a cultura, hábitos, magias e mitos são introduzidas.

Essa forma de composição ou estruturação do enredo pode ser compreendida sobre dois aspectos. Primeiro, a repetição da mesma pergunta do começo ao fim da história, isto é, “Conte, vovô Dembo, me conte...”, coloca o leitor na posição de ouvinte das histórias, uma situação bastante comum no convívio entre netos e avós. O aspecto afetivo que, geralmente, permeia essas relações é reproduzido na obra e pode ser entendido como um recurso pertinente, tendo em vista que as crianças têm especial apreço pelas histórias contadas por estes familiares.

O prazer que essa relação estabelece e a admiração do menino pelo avô são evidenciados logo no início da história: “Vovô Dembo é alto que nem o baobá e mais sábio que o marabu. Vovô Dembo é o meu avô, ele conta histórias melhor que ninguém”. A comparação do avô com um baobá, uma árvore gigantesca, própria das savanas africanas, retoma um elemento característico da África, assim como o ‘marabu’ que, de acordo com Moura (2004), equivale a ‘alufá’, alto sacerdote entre o Malês, sendo que ‘marabu’ é também um termo presente entre os muçulmanos.

Nesta interlocução, o avô conta ao pequeno Chaka sobre sua família, mamãe, Kadidja, e o papai, Samba, sobre as travessuras de criança, vividas com os amigos Lawali-travesso; a aldeia de casebres de argila e palha; a pescaria no rio amarelo; a chegada da chuva que molhava o solo seco “pregueado como a pele do elefante”; a selva cheia de barulhos; os espíritos que se escondem nas moitas e os espíritos da noite; Tima-boca-torta que é o mestre da magia; o ritual de passagem da vida de criança para a vida de adulto e a história dos antepassados.

A história é impregnada pelo lirismo das comparações e metáforas, utilizadas pelo avô para descrever os costumes e as paisagens do país em que viveu na infância:

– Diga, Vovô Dembo, me diga qual é a cor da África. – A África, meu pequeno Chaka? A África é preta como a minha pele, é vermelha como a terra, é branca como a luz do meio-dia, é azul como a sombra da noite, é amarela como o grande rio, é verde como a folha da palmeira (SELLIER, 2006, s.p)

As imagens que as comparações suscitam podem ser exploradas de forma a aguçar a imaginação da criança com vistas a (re)conhecer os aspectos geográficos do continente africano.

A forma adotada para a construção do enredo, isto é, a utilização do personagem avô contando histórias para o neto apresenta-se como pertinente, uma vez que aproxima o leitor mirim da obra literária, dada à situação mostrada ser-lhe familiar, além de a repetição da pergunta evidenciar a natureza curiosa da criança.

No entanto, o mesmo aspecto, isto é, a repetição da pergunta pode ser entendida, por um leitor mais inquieto, como um fator pouco atraente, mesmo tendo em conta que novas informações são inseridas a cada nova pergunta. Esta repetição acaba imprimindo à obra um caráter pedagógico, representado pela figura do avô e também pode ser interpretada como a visão adulta, que lega à criança ‘lições de vida’, condição comum nas obras de literatura infantil dos primeiros

tempos. Vista sob essa outra ótica, a maneira de encadeamento da história pode ser entendida como um fator que pode distanciar a obra em estudo daquilo que se deseja encontrar na estrutura de uma obra de literatura infanto-juvenil contemporânea, ou seja, uma composição literária que possibilite ao leitor reflexões, aliadas às suas experiências, para alcançar, com autonomia, a maturidade leitora e pessoal. Isso equivale a dizer que se trata de uma literatura que a criança do Ensino Fundamental I não terá, por si só, condições de compreendê-la de forma independente e necessitará da mediação de um leitor adulto proficiente para auxiliá-la nesta tarefa.

No entanto, em geral, espera-se da literatura moderna, voltada para as crianças, que o enredo possa estimular a imaginação do infante, fomentando-lhe as mais variadas leituras. Enredos que cativem o leitor, por meio da fantasia e do maravilhoso, que o instiguem a querer ampliar seu conhecimento leitor e da cultura, seja ela negra ou outra. Enredos em que o adulto aparece como detentor do saber são recorrentes em outras obras de temática afro-brasileira como “As tranças de Bintou”, de Sylviane A. Diouf (2004) e “Bruna e a galinha D’Angola”, de Gercilga de Almeida (2000). Este fator requer que o educador crie um clima de encantamento para motivar a criança a ler esta obra literária.

É possível inferir que a autora, ao adotar uma forma mais pedagógica para a elaboração do texto, pretendeu, por certo, destacar a oralidade como uma característica marcante no contexto africano para a transmissão da cultura. Mas, há de se prever que um leitor em formação, em geral, não possui conhecimentos para essa apreensão. Dessa forma, faz-se necessário que o leitor mirim seja informado, pelo mediador da leitura, o educador, sobre essa característica cultural presente na obra. Essa informação deve estar aliada a outras que esclareçam ao leitor iniciante sobre a cultura africana, mas não são evidentes nesta obra literária, por exemplo, os termos linguísticos e rito de passagem da infância para a vida adulta etc. Esses esclarecimentos poderão tornar o processo

de leitura do infante mais interessante e eficaz, assim como alcançar os objetivos de dar a conhecer aspectos da cultura em tela.

Nas ilustrações, estão fotos de esculturas do *Musée Du Quai Branly* em Paris, além de pinturas que remetem a figuras humanas da etnia negra. As esculturas podem ser consideradas como novo texto que parecem, a princípio, muito mais adequadas ao universo adulto que ao infantil. Porém, de acordo com Cademartori, a produção literária contemporânea apresenta forte inclinação para estabelecer novas relações entre imagens e palavras, assim: “as ilustrações abandonaram o modesto papel de ficar a serviço dos que relatam as palavras e passaram a constituir outro texto, de natureza visual, que estabelece interação com o verbal” (CADEMARTORI, 2009, p. 51).

Dentre as esculturas estão: uma harpa em que as cordas do instrumento musical estão fixadas em uma peça de madeira que lembra a figura de um homem; a estátua mágica perfurada por inúmeros pregos e, ainda, uma infinidade de máscaras que representam a chuva, o alimento, os espíritos, os mortos e a iniciação da criança na vida adulta. Trata-se de uma obra que encerra muito da simbologia de ritos e mitos africanos. Ao final, a obra apresenta um mapa do continente africano, o qual não delimita os países ali existentes, mas, apresenta, por meio de uma legenda de cores, o local de origem das esculturas. Essa é também outra referência pedagógica, encontrada nesta obra literária, contudo, pouco elucidativa e que também demandará maiores explicações por parte do educador.

As pinturas, que também compõem as ilustrações, podem ser classificadas como impressionistas e correspondem mais diretamente a alguns pontos da narrativa, como a imagem de um adulto e uma criança, para representar avô e neto, uma figura feminina para lembrar a mãe Kadidja, além de outras imagens que sugerem luta de capoeira, pescaria, a convivência com animais e a magia nos rituais africanos, em alusão às experiências de vovô Dembo quando menino. Assim, entende-

se que, também para a leitura das ilustrações, a criança necessitará da mediação de um leitor adulto proficiente que possa revelar-lhe os sentidos que tais imagens encerram na cultura africana.

Vale ressaltar que todas as considerações tecidas neste estudo tomam por base o fato de essa obra literária figurar no acervo enviado pelo MEC, às escolas, como obras complementares, destinadas aos estudantes das séries iniciais. Assim, considera-se que as crianças desse período escolar ainda são leitores imaturos, portanto, não possuem condições para realizarem uma leitura proficiente dos elementos presentes na obra de literatura infantil "A África, meu pequeno Chaka...", de forma autônoma. Para isso, será necessário contar com um educador devidamente formado, que tenha consolidado uma prática de leitor/pesquisador proficiente.

OS REIZINHOS DE CONGO

Esta obra literária, diferente da obra anteriormente apresentada, não consta das sugestões das leituras indicadas pelo MEC aos estudantes das séries iniciais. Isso faz com que essa e outras tantas obras de temática voltada para a cultura africana não estejam presentes na maioria das escolas públicas brasileiras, tendo em vista que muitas escolas dependem dos livros enviados pelos Programas como o PNBE para comporem seus acervos literários. Este fato restringe a construção de uma política educacional de formação cidadã que prime por uma sociedade leitora crítica e mais consciente, que respeite a diversidade cultural como prevê a lei 10.639/03, a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica.

"Os Reizinhos de Congo", de Edimilson de Almeida Pereira (2007), é uma obra em forma de conto-poema que traz informações sobre a 'Congada' - festa religiosa de celebração aos ancestrais de origem africana e aos santos católicos. De acordo com Mattos (2009),

A partir do século XIX, os reis africanos de 'nação' passaram a ser chamados de "reis do Congo", título que representava os líderes das comunidades negras, mesmo que estes não fossem originários daquele reino. Com o passar do tempo, uma identidade negra foi construída em torno dessa manifestação, englobando não somente os africanos de várias regiões da África, mas também seus descendentes. E hoje, conhecida como Congada, é uma das festas negras mais populares no Brasil (MATTOS, 2009, p. 192).

Dessa forma, a obra literária em questão retoma todo um legado cultural da etnia negra que se faz presente hoje em muitas manifestações folclóricas no Brasil, por exemplo, o Maracatu, encontradas, especialmente nos Estados do Nordeste. É possível perceber essas referências logo no início da narrativa.

Esta é a história do reizinho coroado./Quem tiver boca não fale, quem tiver ouvido escute. O reizinho ainda é menino, mas sua coroa vem de longe. Os avós dos avós do reizinho me chamavam por outro nome: *calunga, calunga, ê/Calunga, calunga, á*./ Eu, o mar imenso, engolia gente e navio; levava muitos ao fundo. Outros, porém, escapavam e diziam: - Somos malungos, companheiros nesta viagem./A vida girou na roda do cata-vento./ Os avós do reizinho foram presos, perderam dente e saliva, mas não os pensamentos./ E o que disseram noutra língua, nosso ouvido vai puxando: *Ganga aruá dendê/Ganga aruá dandá/Viva o reizinho do Congo/Morador desse lugar* (PEREIRA, 2007, p. 4) (grifo do autor).

É possível perceber, no trecho citado, que muitos dos termos elencados são próprios da cultura africana. *Calunga*, de acordo com a obra, significa mar. A palavra *Calunga* remete também aos lundas, e neste contexto, significa ao senhor, ao chefe, ao rei, e, entre os congos, remete aos quitomes, uma grande extensão de água e a vasta corrente mítica, separada por duas montanhas que formavam o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. A tradição dos reis do Congo, presente nos maracatus, exerce forte influência no culto da *Calunga*,

uma boneca de madeira, que entre os ambundos de Angola era guardada como objeto sagrado e poderoso pelos representantes de certas linhagens. Conforme Mattos, “essa boneca tinha o poder de se comunicar com as forças sobrenaturais e era símbolo do poder político das linhagens. Cada *Calunga* representava um território banhado por um rio e a linhagem que a detinha era responsável por aquela área” (MATTOS, 2009, p. 193).

No decorrer da obra, o enredo vai revelando outros termos africanos, como *malungo*, que significa amigo. Um modo como os escravos chamavam uns aos outros durante a viagem de navio da África para o Brasil e *Zambi* que significa deus.

O congado ou a ‘congada’ é um festejo popular religioso afro-brasileiro com elementos religiosos católicos, acompanhado de música e dança que celebra a coroação do rei do Congo. É um ritual cultural sincrético, que envolve levantamentos de mastros, coroações e cavalgadas e está presente em várias regiões do Brasil. Para a marcação dos cantos, são utilizados instrumentos musicais como cuíca, caixa, pandeiro e reco-reco e os congadeiros vão atrás da cavalgada que segue com uma bandeira de Nossa Senhora do Rosário.

A riqueza de informações das culturas africana e afro-brasileira, apresentada nesta literatura, exigirá do leitor um vasto conhecimento sobre essa cultura, só a partir disso poderá construir os sentidos. Também essa obra, como a analisada anteriormente, é uma obra infantil que não permitirá o amplo entendimento do leitor mirim, sem a mediação de um leitor maduro.

Quanto à estrutura, a obra “Os reizinhos do Congo” também não apresenta um esquema narrativo tradicional, mas é um conto que entremeia narrativa-poema e músicas folclóricas de origem africana/afro-brasileira. O ritmo imprimido na estrutura do texto mostra-se muito agradável à criança e este fator pode tornar essa obra literária bastante atraente ao público infantil.

A narrativa poética com imagens simbólicas apresenta histórias da festa do Congado, cujo intuito é comemorar o passado para que ele não seja esquecido pelas novas gerações. A narrativa-poema inclui cantigas populares e folclóricas e o ritmo facilita a sintonia com a criança na observação do sentimento e mais facilmente estimula o leitor em formação a conhecer melhor a cultura ali representada. Os jogos sonoros convidam a criança a decifrar os mistérios.

Houve também nesta obra literária a preocupação do autor em apresentar um glossário com os termos africanos, encontrado ao final da obra, evidenciando, também, o aspecto pedagógico, que neste caso, diferente da obra anterior, colabora e acrescenta informações para a compreensão do texto pelo leitor em construção.

As ilustrações são sugestivas e coloridas, com figuras infantis que recuperam muito das cores vivas das indumentárias festivas do povo africano. A literatura “Os reizininhos do Congo”, ao se considerarem a ludicidade da linguagem e as ilustrações, encontra-se mais próxima da realidade da criança e pode, com isso, despertá-la, mais efetivamente, para o interesse pela leitura e cultura ali referenciadas.

Sendo assim, acredita-se que a obra infantil “Os Reizininhos de Congo” mostra-se mais pertinente para a formação de leitores na primeira infância do que a obra “A África, meu pequeno Chaka...”, tanto para ampliação dos conhecimentos leitores quanto dos aspectos culturais, relacionados às africanidades. Esse entendimento leva em conta a apresentação do enredo bem como os aspectos linguísticos elencados para a composição estrutural das duas obras analisadas.

Neste sentido, a de se prever que quando se trata da leitura da literatura, Aguiar e Bordini (1993) ressaltam que a leitura das obras literárias não pode ser conduzida da mesma maneira que a de outros gêneros textuais. Isso pelo fato de a leitura literária implicar na participação ativa do leitor na constituição dos sentidos linguísticos, não pela simples decodificação dos signos, mas sim, pela seleção de

significados que, associada ao conhecimento de mundo do leitor, possibilitará diferentes leituras para diferentes leitores. Isso pressupõe que o educador que se propor a utilizar a literatura infantil, seja ela temática ou não, para a formação leitora no Ensino Fundamental I, deverá contar com um planejamento adequado para abordar a obra, bem como uma prática de leitura eficiente. Para Coelho (2000), a escola é o espaço privilegiado para a formação leitora do indivíduo. Neste ambiente, os textos literários atuam de maneira mais abrangente que os outros, pois estimulam o exercício da mente, as múltiplas significações, o entendimento do eu em relação ao outro, condição indispensável para a realização do ser.

Os educadores precisam ter consciência de que a proficiência leitora é cada vez mais valorizada em todos os âmbitos sociais na atualidade, assim, faz-se necessário empreender esforços para que essa formação aconteça de fato, desde as séries iniciais. Um dos fatores que gera esta valorização relaciona-se ao acesso às informações registradas e veiculadas nas sociedades letradas. Este fator está sempre aliado à questão da construção da cidadania, além dos aspectos de entretenimento e prazer, defendidos por muitos pesquisadores. Neste viés, a literatura infantil deve apresentar um valor estético que possa contagiar as crianças em formação para a leitura. E este valor estético precisa ser conhecido pelo educador.

As obras de Literatura Infantil, de modo geral, contribuem para a formação leitora proficiente, e aquelas cujos temas estejam voltados para as questões étnico-raciais podem fomentar reflexões e discussões em sala de aula sobre a discriminação racial, como prevê a Lei nº 10.639/03. Pode-se afirmar que a literatura, pelo seu caráter simbólico, contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização do outro e da diversidade.

A partir desse pressuposto, acredita-se que uma formação leitora eficaz, por meio da literatura infantil, seja fundamental para a ampliação de conhecimentos e a formação

cidadã nos primeiros anos escolares. Todavia, a literatura infantil de temática afro-brasileira pode colaborar para a superação de muitos preconceitos presentes não apenas no meio escolar, mas em toda a sociedade. Entende-se que todo preconceito, geralmente, tem como base a falta de conhecimento sobre o assunto. Assim, a aquisição dos conhecimentos necessários, tendo como mediadora a leitura, pode ajudar o leitor a superar muitos preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras empreendidas, pôde-se perceber que das obras lidas e analisadas, especialmente, a primeira delas "A África, meu pequeno Chaka...", mais do que a segunda, se sobressai quanto ao aspecto pedagógico em detrimento do lúdico, desejado e esperado na obra voltada para as crianças.

Essa compreensão pauta-se na análise da organização do enredo, em que a repetição de uma mesma pergunta, isto é, "Conte, vovô Dembo, me conte..." se destaca. A construção apresenta-se de forma diferente do que em geral se encontra na maioria das narrativas infantis, cheias de fantasias em que a história aguça a curiosidade da criança, gerando uma expectativa que a conduz de forma interessada a um desfecho. Neste sentido, e de acordo com Zilberman (2003), a criança compreende melhor o mundo através da fantasia, uma vez que ela preenche as lacunas, oriundas da falta de conhecimento do real neste período da vida. Assim, a fantasia, presente no livro literário, colabora para a ordenação das experiências na infância. A organização do enredo, tendo a pergunta como mote para a inserção de novas informações na história, imprime à obra um caráter mais pedagógico. Contudo, é preciso considerar que estivesse na intenção da autora de "A África, meu pequeno Chaka..." oportunizar aos leitores o máximo de conhecimento acerca da cultura africana. Em função disso, ela optou por construir a narrativa de forma mais didática, em que as várias informações sobre a cultura são inseridas como resposta às perguntas que estruturam a narrativa, além de

ressaltar a oralidade como forma de legar cultura no continente africano.

Outra questão a ser considerada, agora em relação à condução de leitura da obra “A África, meu pequeno Chaka...” em sala de aula, refere-se à complexidade dos aspectos culturais ali abordados, os quais, a princípio, parecem mais adequados ao público jovem do que ao infantil. Como já comentado, esse aspecto é aqui destacado pelo fato de a obra figurar nos acervos complementares: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino fundamental (2009). Os estudantes das duas primeiras séries são ainda leitores em construção, assim é possível que encontrem maiores dificuldades para compreenderem, de forma autônoma e até mesmo mediada, os temas ali elencados.

Esse fator sugere um dentre outros questionamentos, por exemplo: quais critérios foram adotados pelo MEC para essa indicação? Um educador pouco crítico poderá utilizar esta obra literária, em sala de aula, sem se dar conta dos inúmeros aspectos que ela apresenta, os quais precisam ser devidamente explorados para que a criança alcance os objetivos, não apenas de formação leitora, mas também de conhecer a cultura nela abordada. Isso não significa dizer que essa literatura não possa ser trabalhada com esse público, mas que, caso o educador se proponha a apresentar essa obra às crianças, dessa fase escolar, o trabalho exigirá que ele lance mão de recursos metodológicos persuasivos para tornar a obra mais atrativa ao público em questão. Recursos que possam, ainda, elucidar se não todos pelo menos alguns dos aspectos culturais elencados, respeitando, evidentemente, a fase de maturação em que a criança se encontra.

Quanto à segunda obra literária analisada, “Os reizinhos do Congo”, essa reflete de forma mais evidente a mistura cultural entre África e Brasil, tendo em vista que muito do que é apresentado figura nas manifestações folclóricas encontradas em vários Estados brasileiros. Esse fator pode significar para o leitor infantil melhor condição de recorrer a conhecimentos prévios para compreender o tema exposto,

especialmente para as crianças da região Nordeste. A linguagem rimada torna-se um recurso instigante para o leitor iniciante querer saber mais sobre os aspectos multiculturais ali apresentados. Contudo, também tal obra necessitará de estudos e pesquisas, por parte do educador, antes de adentrar a sala de aula. Só a partir disso acredita-se que ela cumprirá a função formativa a que se destina.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender as representações veiculadas por esses discursos em obras literárias de potencial recepção infantil que, em alguns casos, deixam de apresentar um enredo envolvente e intrigante por meio do fantástico e do maravilhoso, considerando-se que os fatores são, muitas vezes, basilares para o interesse pelo tema e pela leitura por parte da criança. Quando se trata da literatura de temática afro-brasileira, nota-se que refletir sobre a diversidade étnico-racial significa reconhecer as diferenças, respeitá-las e colocá-las na pauta das reivindicações no cerne do processo educativo. Neste entendimento, é preciso reconhecer a importância da literatura de temática afro-brasileira no Ensino Fundamental I, a qual pode figurar como mote para o início das reflexões sobre questões sociais relevantes como as relacionadas à etnia negra.

Em se tratando de contexto formativo, é preciso perceber a escola como um espaço cultural heterogêneo, lugar que reúne diversidade linguística, religiosa, racial dentre outras, a qual deve oportunizar as crianças, desde a mais tenra idade, o contato com a leitura das mais variadas linguagens. Dessa forma, pode-se considerá-la como um lugar especial para a formação leitora e promoção de reflexões acerca de variados temas presentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.
- ALMEIDA, Gercilga. *Bruna e a Galinha D'Angola*. Rio de Janeiro: EDC-Ed. Didática e Científica e Pallas Editora, 2000.

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Marcado Aberto, 1993.

AZEVEDO, Ricardo. *A literatura, o chamado "universo infantil" e a vida mesmo*. Disponível em <<http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo04.htm>>. Acesso em: 6 de out. 2011.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 3ª ed. Belo Horizonte: UFMG/ Humanitas, 2005.

BRASIL, Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2004. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, Alfabetização e Diversidade (Secad/ MEC). Coleção Educação para todos, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Acervos complementares: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental*/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/ SEB, 2009.

CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura*. para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CANDIDO, A. In Fester. A.C. Ribeiro (org.) *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000ª

_____. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000b.

DIOUF, Sylviane. *As tranças de Bintou*. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino de literatura nas séries iniciais*. 3ª ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo, Cortez, 2006.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, v. 22, n. 2, jul/dez, 1997.

MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MOURA, Clovis. *Dicionário da escravidão no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2004.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Os reizinhas do Congo*, 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

SAID, Edward. *Orientalismo: oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SELLIER, Marie. *A África, meu pequeno chaka*. [ilustrações de Marion Lesage]; tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das

Letras, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil Brasileira*. como e por que ler. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Editora, 2003.